

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**



MARGARIDA VIDEIRA SOUSA LEITÃO MORÃO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
SECUNDÁRIA JOSÉ FALCÃO JUNTO DA TURMA DO 12º5 NO ANO
LETIVO DE 2012/2013**

COIMBRA

2013

MARGARIDA VIDEIRA SOUSA LEITÃO MORÃO

Nº 2011124466

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
SECUNDÁRIA JOSÉ FALCÃO JUNTO DA TURMA DO 12º5 NO ANO
LETIVO DE 2012/2013**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Doutor Carlos Gonçalves

Co – Orientador: Dr. Paulo Francisco

COIMBRA

2013

Morão, M.V.S.L. (2013). *Relatório De Estágio Pedagógico Desenvolvido Na Escola Secundária José Falcão Junto Da Turma Do 12º5 No Ano Letivo de 2012/2013*. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

DECLARAÇÃO

Eu, Margarida Videira Sousa Leitão Morão, aluna N°2011124466 do MEEFEBBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no artigo 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de Março de 2009).

RESUMO

A elaboração deste relatório surge no âmbito da Unidade Curricular de Relatório de Estágio inserida no Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. O presente estágio foi posto em prática na Escola Secundária José Falcão, situada na cidade de Coimbra, no Ano Lectivo 2012/2013 a uma turma de 12ºano. O objectivo deste relatório foi o de, a partir da análise das expectativas iniciais produzir uma crítica/reflexão estruturada e solidamente fundamentada sobre todo o processo de formação desenvolvido ao longo deste ano lectivo. O processo de ensino desenvolveu-se na descrição e reflexão de três grandes grupos, o planeamento, a realização e a avaliação. Foram registadas as principais dificuldades, a forma de resolução assim como aspectos a melhorar. Foi realizado também um estudo da análise da evolução do comportamento de um professor estagiário de educação física no decorrer do estágio pedagógico, no qual se verificou uma melhoria do seu comportamento. A realização deste estágio pedagógico possibilitou-me o desenvolvimento de um leque de experiências enriquecedoras, as quais foram concretizadas com o melhor empenhamento e dedicação, aumentando assim a minha qualidade de ensino.

Palavras-Chave: Planeamento. Realização. Avaliação. Comportamento.

ABSTRACT

The preparation of this final stage report is part of the course Teaching Practice belonging to the 2nd year of the Masters in Physical Education Teaching in Primary and Secondary Education, also belonging to Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra. This stage was put at Escola Secundária José Falcão, located in the city of Coimbra, in the Academic Year of 2012/2013 to a 12th grade class. From the analysis of the initial expectations, the purpose of this final stage report was to produce a review / reflection structured and solidly based on the entire training process developed throughout this academic year. The teaching process was developed to describe and reflect three major groups, the planning, realization and evaluation. There were registered the main difficulties, their resolutions as well as areas for improvement. There was also a study performed, analyzing the evolution of the behavior of a physical education trainee during the teaching practice, which revealed an improvement in its behavior. The realization of this teaching practice enabled me to develop a range of enriching experiences, which were implemented with the best commitment and dedication, consequently increasing the quality of my teaching.

Keywords: Planning. Realization. Evaluation. Behavior.

SUMÁRIO

1.	Introdução	8
2.	Contextualização da Prática Desenvolvida	9
2.1	Expectativas e Opções Iniciais em relação ao estágio.....	9
2.1.1	Dimensão Profissional e Ética	9
2.1.2	Participação na Escola	10
2.1.3	Desenvolvimento e Formação Profissional.....	10
2.1.4	Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem	10
2.2	Caracterização do Contexto	11
3	Descrição das actividades desenvolvidas	12
3.1	Planeamento	12
3.1.1	Plano Anual	13
3.1.2	Unidades Didácticas	14
3.1.3	Planos de Aula.....	16
3.2	Realização	17
3.2.1	Dimensão Instrução.....	17
3.2.2	Dimensão Gestão	18
3.2.3	Dimensão Clima	19
3.2.4	Dimensão Disciplina	20
3.3	Avaliação.....	20
3.3.1	Avaliação Diagnóstica	20
3.3.2	Avaliação Formativa	21
3.3.3	Avaliação Sumativa	23
3.4	Estratégias Adoptadas	24
3.4.1	Estilos de Ensino	24
3.4.2	Segurança	25
3.4.3	Formação de Grupos.....	26
4	Reflexão	27
4.1	Ensino e Aprendizagem	27
4.1.1	Aprendizagens realizadas enquanto estagiária	27
4.1.2	Compromisso com as aprendizagens dos alunos	29

4.1.3	Inovação nas práticas pedagógicas.....	29
4.2	Dificuldades sentidas e aspectos a melhorar	30
5	Aprofundamento do Tema-Problema	32
	“Análise da evolução do comportamento do professor estagiário de Educação Física no decorrer do Estágio Pedagógico”	32
5.1	Fundamentação Teórica	33
5.1.1	Comunicação e Intervenção	33
5.1.2	Elogio.....	33
5.1.3	Feedback.....	34
5.1.4	Programa de Formação para Eficácia dos Treinadores	35
5.2	Metodologia.....	35
5.2.1	Métodos.....	36
5.3	Resultados e discussão	38
5.3.1	Comportamento Geral do Professor	38
5.3.2	Comparação do Comportamento do Professor nos dois momentos	
	39	
5.4	Conclusão	41
6	Conclusão	42
7	Bibliografia	43
8	Anexos	45

1. Introdução

A elaboração deste relatório surge no âmbito da Unidade Curricular de Relatório de Estágio inserida no Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Este, apresenta a última etapa do estágio pedagógico, a qual tem o objectivo de, a partir da análise das expectativas iniciais produzir uma crítica/reflexão estruturada e solidamente fundamentada sobre todo o processo de formação desenvolvido ao longo deste ano lectivo.

De acordo com Frontoura (2005) “o estágio pedagógico é a componente fundamental do processo de formação do aluno estagiário”, onde o aluno tem a oportunidade de por em prática todo o conhecimento adquirido ao longo da sua formação académica.

O estágio pedagógico foi o meu primeiro contacto com a actividade docente, ajudou-me a complementar todo o conhecimento adquirido anteriormente, tornando-se assim uma experiência enriquecedora.

Este relatório está organizado da seguinte forma:

- ✓ Contextualização da prática desenvolvida: onde é feita uma reflexão das expectativas iniciais em relação ao estágio e a caracterização do contexto;
- ✓ Descrição das actividades desenvolvidas: no que toca ao planeamento, realização, avaliação e estratégias;
- ✓ Reflexão: do ensino-aprendizagem e das dificuldades sentidas e aspectos a melhorar;
- ✓ Tema-Problema: estudo da análise do comportamento do professor estagiário de educação física no decorrer do estágio pedagógico;
- ✓ Conclusão: de todo o trabalho realizado ao longo do estágio pedagógico.

2. Contextualização da Prática Desenvolvida

2.1 Expectativas e Opções Iniciais em relação ao estágio

Ensinar sempre foi o meu objectivo de vida, é uma experiência fantástica de relacionamento interpessoal e aprendizagem.

O gosto pelas práticas desportivas sempre foi uma constante na minha vida, desde pequena que pratico desporto federado, tendo tido a oportunidade de ingressar em diferentes equipas e assim poder evoluir como atleta e como pessoa.

Este estágio foi o culminar de um sonho, para o qual me tenho vindo a preparar no decorrer da minha formação escolar.

No início do estágio pedagógico projectei as minhas expectativas iniciais no que toca às dimensões profissional e ética, à participação na escola, ao desenvolvimento e formação profissional e ao desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, sendo que agora farei uma auto-reflexão do processo desenvolvido ao longo do estágio.

2.1.1 Dimensão Profissional e Ética

Nesta dimensão representei os meus valores quanto ao desempenho da função docente, à responsabilidade social face à prática. Tive como preocupação principal assumir a função específica de ensinar, tentei mostrar sempre interesse em ensinar e ajudar os alunos, mantendo-os motivados para a prática de actividade física e respondendo em função das suas necessidades.

Tentei aumentar a capacidade de autonomia e de inclusão dos alunos na sociedade, inculcando-lhes regras, ideais e valores; tendo por objectivo que no futuro se tornassem adultos autónomos, responsáveis e com formação, tendo assim mais facilidade em viver em sociedade. Tomando como exemplos: a assiduidade; a pontualidade; o respeito pelos outros, ter consciência que existe uma hierarquia na escola e sociedade (pais, professores, auxiliares, colegas, etc.); o cumprimento das tarefas na sala de aula; saber inculcar-lhes a responsabilidade que acarretam enquanto alunos, isto é, ter bem presente as funções que lhes estão associadas na escola; a interacção e colaboração em grupo.

2.1.2 Participação na Escola

Nesta dimensão tive em conta a minha forma de estar na comunidade educativa, ou seja, relativamente ao Agrupamento, à Escola e ao contexto em que a mesma se insere. Procurei colaborar da melhor forma com os intervenientes no processo educativo, estabelecendo boas relações com docentes, alunos, encarregados de educação, pessoal não docente.

Mostrei interesse em conhecer os valores do grupo, por forma a melhor me integrar nele, sendo que participei nas metas, actividades e projectos por eles estabelecidos.

No que diz respeito à relação com os alunos é importante colocar-me muitas vezes ao nível deles, por forma a que seja facilitada a transmissão não só de conhecimentos, mas também de dificuldades, problemas, dúvidas e até mesmo problemas sociais. Tentei ver o aluno como um amigo e não como um simples executor de competências.

2.1.3 Desenvolvimento e Formação Profissional

No decorrer da minha formação fui adquirindo competências como: boa base teórica em termos de planeamento, intervenção, observação e avaliação; conhecimento das competências e problemas que possam ocorrer nos diferentes cargos de gestão intermédia; conhecimento das práticas efectuadas pelo grupo de Educação Física (EF); boa capacidade de integração, interacção e adaptação a meios e contextos diversificados; boa capacidade de organização de dinamização de actividades de grupo e cariz lúdico-desportivo e cultural; e uma boa capacidade de entreajuda.

Estas competências foram ferramentas essenciais para me ajudar a ensinar melhor, permitiram-me uma melhor integração na escola, respondendo melhor aos problemas com que me deparei.

2.1.4 Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem

Nesta fase tive em conta três factores, o planeamento, a realização e a avaliação. Estes factores serão descrito/analísados no decorrer deste relatório.

2.2 Caracterização do Contexto

O presente estágio foi posto em prática na Escola Secundária José Falcão, situada na cidade de Coimbra, no Ano Lectivo 2012/2013.

“A centenária caminhada do Liceu de Coimbra, hoje Escola Secundária José Falcão, é uma das mais interessantes, mas também das mais complexas da história do nosso ensino.” (Simões Rodrigues, *cit in* PEE)

Em 1548 nasce uma escola denominada por colégio das artes criada por D. João III, sendo substituída em 1936 pelo Liceu de Coimbra.

Com o advento da 1ª república o Liceu de Coimbra passa a ter como patrono o seu antigo aluno José Falcão.

Em 1974 depois da revolução do 25 de Abril, recupera o nome do seu patrono José Falcão, sendo que em 1978 passou a denominar-se por Escola Secundária José Falcão.

Esta escola, actualmente, tem um total de 856 alunos, pertencendo 231 ao 3º Ciclo do Ensino Básico e 625 ao Ensino Secundário.

Nos últimos dois anos lectivos, 2010/2011 e 2011/2012, a escola situou-se no ranking das 10 melhores escolas Portuguesas ocupando o 7º e 6º lugar, respectivamente.

A Escola Secundária José Falcão é composta por 3 pisos (0,1 e 2), um pequeno bloco denominado por “Casa do Reitor” e um outro bloco que engloba 2 ginásios (prática de ginástica de solo e aparelhos) e um pavilhão. No exterior tem ainda 2 campos, em que um possui um campo com medidas de futsal, pista de atletismo à volta e caixa de areia para salto em comprimento.

O grupo de EF da escola é constituído por 5 elementos do sexo masculino e 1 do sexo feminino e 4 estagiários (eu mais três rapazes).

Como orientador da escola contámos com o Professor Paulo Francisco e da Faculdade com o Professor Carlos Gonçalves.

A turma que acompanhei foi a do 12º5 composta por 41 alunos, no entanto apenas 17 alunos tiveram a disciplina de EF, sendo que uma aluna anulou a disciplina no início do 2º período.

De seguida apresento, algumas das informações recolhidas na realização da caracterização da turma:

- ✓ a maior parte dos alunos tem a idade adequada para o ano em questão, sendo apenas dois os alunos mais velhos;

- ✓ 5 alunos incluem a disciplina de EF nas preferidas;
- ✓ 2 dos alunos têm limitações para a prática de actividade física;
- ✓ 1 dos alunos é alérgico ao cloro, não podendo realizar a Unidade Didáctica (UD) de Natação;
- ✓ Apenas 4 alunos praticam alguma modalidade federada.

3 Descrição das actividades desenvolvidas

3.1 Planeamento

Em termos gerais, planear é algo que é realizado com vista a prever com suficiente antecipação os factos, as acções, possíveis problemas, avaliar os possíveis caminhos, etc. Com a planificação pretende-se decidir e prever de forma antecipada o que poderá acontecer no futuro, como fazer, quando fazer, com quem fazer, definir prioridades.

O processo de ensino é um sistema de tarefas de aprendizagem orientado segundo intenções/propósitos definidos, representando um conjunto de acções que promovem e facilitam as aprendizagens dos alunos. Como tal, estas acções deverão ser previamente planeadas.

Segundo Bento (1987) planear a educação, “significa planear as componentes do processo de ensino e aprendizagem nos diferentes níveis da sua realização; significa aprender, o mais concretamente possível, as estruturas e as linhas básicas e essenciais das tarefas e dos processos pedagógicos”.

Para melhor planificar o ensino foram definidas metodologias e estratégias que tiveram por base o Programa Nacional de Educação Física (PNEF), a adequação das características da turma em questão e as crenças/valores da escola do grupo disciplinar de EF e do Professor orientador.

Para a definição destas metodologias e estratégias foram elaborados documentos como o plano anual, as UD e os planos de aula. Estes tiveram em consideração princípios como: coerência, sequência lógica, flexibilidade, objectividade e exequibilidade.

Como é natural, no decorrer do ano lectivo deparei-me com imprevistos que me fizeram alterar a planificação, como condições climatéricas, testes intermédios, visitas de estudo, etc..

3.1.1 Plano Anual

O plano anual de EF tem como objectivo o planeamento de tudo o que é realizado na disciplina ao longo do ano lectivo, desde trabalhos preparatórios, determinação de objectivos anuais, definição e distribuição das matérias, articulação com tarefas constantes no plano curricular de turma e de EF, configuração da avaliação até à justificação do plano anual. Como tal, este documento foi dos primeiros a ser elaborado, sofrendo posteriormente, e no decorrer do ano lectivo, as alterações e ajustes necessários.

Nos trabalhos preparatórios, foi feita uma caracterização da escola, do meio e da turma. A caracterização da turma foi baseada nos resultados de uma ficha de apresentação individual (entregue aos alunos na primeira aula de EF) complementada com informações relevantes para a aula de EF e nos resultados das Avaliações Diagnósticas (AD) efectuadas.

Ainda referente aos trabalhos preparatórios, foram definidas conjuntamente com o grupo disciplinar de EF as matérias a leccionar em cada ano de escolaridade, em função das características pessoais, sociais, culturais e desportivas dos alunos. Para as matérias que os elementos do grupo de estágio de EF iriam leccionar, foi feito o tratamento dos níveis de objectivos por matérias, isto é, foram definidas tabelas para os diferentes níveis (Introdutório, Elementar e Avançado) com as características identificadoras de cada nível. Foram também analisadas as características dos espaços desportivos, a análise dos recursos humanos, temporais, materiais e espaciais.

Alguns elementos do grupo de EF foram responsáveis por construir o mapa de rotações (“roulement”) onde se dividiram os diferentes espaços para todas as turmas e respectivo horário. Em função desta distribuição, tive de estudar os espaços que tinha disponíveis (conjuntamente com o orientador da escola) e assim distribuir as matérias ao longo do ano lectivo, não podendo ser esta distribuição feita em função da AD dos alunos, mas sim em função do espaço disponível.

Importa referir que apesar desta limitação, na distribuição das matérias foi tido em consideração o tempo de aula, a altura do ano e as características de cada matéria. As aulas de 75 minutos foram aproveitadas para leccionar as matérias que exigiam mais tempo, como montagem de material e deslocação, i.e., badminton, ténis e natação. As matérias foram divididas em desportos

individuais, colectivos, de raquetes e de análise de trajectórias, com o intuito de em cada período haver experiências motoras diversificadas. Nos três períodos foram leccionadas matérias individuais, colectivas e de análise de trajectórias e no primeiro e terceiro período foram leccionados também desportos de raquetes.

Foi preconizada a periodização por etapas. Nas primeiras 3 semanas de aulas foi realizada uma avaliação inicial dos alunos para todas as matérias leccionadas.

A turma em questão surgiu da junção de alunos de diferentes turmas, pelo que, esta primeira etapa também serviu para ajudar os alunos a conhecerem e relacionarem-se melhor, não descurando o facto de haver ensino, aprendizagem, desafio e superação. Esta periodização permitiu frequência e regularidade de estímulos ao longo do ano lectivo.

Foram tidos em consideração os objectivos gerais e específicos do grupo de EF, servindo-nos estes como guia/orientação para a prática.

No que toca a articulação de tarefas constantes foram organizadas/realizadas três actividades pelo núcleo de estágio, contando com a ajuda do orientador da escola e grupo de EF.

Relativamente à avaliação foram seguidos os critérios/parâmetros estabelecidos pelo grupo de EF.

É de enfatizar que “os detalhes e demais medidas didáctico-metodológicas são reservados para os planos das unidades temáticas ou didácticas e para o projecto e cada aula” (Bento 1987).

3.1.2 Unidades Didácticas

Segundo Bento (1987), as UD “são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos, etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem” e “em torno da unidade temática decorre a maior parte da actividade de planeamento e de docência do professor.”

As UD por mim elaboradas possuíram a caracterização e estrutura de conhecimentos da matéria, os recursos disponíveis, o relatório de avaliação inicial, a definição de objectivos, a extensão e sequência de conteúdos, as estratégias de abordagem da unidade, a avaliação, as progressões

pedagógicas e por fim uma reflexão final. As UD foram construídas ao longo do ano lectivo, conforme a leccionação. As matérias leccionadas foram badminton, andebol, atletismo, natação, ginástica de solo, voleibol e ténis.

Inicialmente foi feita uma breve caracterização dos conhecimentos da matéria em questão, como história, caracterização, elementos técnico-tácticos, entre outros. De seguida foram analisados os recursos disponíveis (espaciais, temporais, materiais e humanos).

O relatório de avaliação inicial adveio dos resultados obtidos a partir das AD. São estes resultados que vão ditar todo o trabalho posterior, sendo que os objectivos também foram seleccionados de acordo com a sua pertinência para a situação/contexto em que nos encontramos.

Segundo Bento (1987) as funções didácticas devem ser divididas em introdução, exercitação, consolidação e avaliação. Como tal, na extensão e sequência de conteúdos cada competência abordada passou pelas diferentes fases. Na primeira aula de cada UD foi feita a AD. Para as seguintes aulas tive como princípio a complexidade dos conteúdos e de partir do conhecido para o desconhecido, ou seja, nas primeiras aulas foram leccionados conteúdos já familiares aos alunos, sendo os outros introduzidos progressivamente. Aos conteúdos mais complexos foi dado maior ênfase.

Os conhecimentos e a aptidão física também foram inseridos neste leque de aulas atendendo à sua importância. Foi também programada uma aula de Avaliação Formativa Pontual e outra de Avaliação Sumativa ao longo de cada UD.

As estratégias de abordagem para cada unidade servem para mais facilmente ultrapassarmos os problemas com que nos deparamos, permitindo ao professor uma melhoria na sua intervenção, individualizando o processo de ensino-aprendizagem em função das necessidades dos alunos. Para cada unidade foram seleccionadas técnicas de instrução, clima e disciplina; estilos de ensino; formas de construção de grupos; alunos a utilizar como modelo, diferenciação de alunos, entre outros.

Para cada UD foram planeados os diferentes tipos de avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa), os momentos e as respectivas grelhas de observação.

Por fim foi elaborada uma reflexão final que teve por base analisar todo o trabalho elaborado ao longo da unidade, o seu resultado, se se obtiveram os objectivos esperados, se houve melhoria desde a AD, se as estratégias foram bem aplicadas e o que mudar para melhorar. Esta fase só foi construída no fim da leccionação de cada UD.

3.1.3 Planos de Aula

Podemos afirmar que existem três fases de acção pedagógica, a fase pré-interactiva (plano de aula), onde se expressam os objectivos comportamentais e a sua operacionalização; a fase interactiva, intervenção do professor na aula; e por fim a pós-interactiva, onde se tomam as decisões após estar com a turma.

De acordo com Bento (1987) o plano de aula “conduz então as reflexões anteriores à realização metodológica do ensino e ao balanço das actividades concretas do professor e dos alunos”, sendo que “a aula é realmente o verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da acção do professor.”

Inicialmente em conjunto com o orientador da escola foi definido um modelo de um plano de aula.

Este plano de aula foi composto por um cabeçalho com informações como: número de aula, aula da UD, data, hora, turma, local/espço, duração, período, professor estagiário, nº de alunos, UD, recursos materiais, função didáctica e objectivos da aula. Para cada exercício de aula foram contemplados os tempos (total e parcial), a tarefa de aprendizagem, as componentes críticas, as condições de realização e organização e as estratégias e estilos de ensino.

A organização do plano de aula foi concebida em três partes distintas, parte inicial (aquecimento), parte principal e parte final (retorno à calma).

Na fase inicial do estágio pedagógico o Professor orientador Paulo Francisco também nos ajudou na organização da planificação das aulas, definindo modelos de aulas para as diferentes matérias. Foi também referido a importância de na parte inicial da aula inserir logo os conteúdos pertencentes à matéria de ensino e de realizar mobilização articular e na parte final realizar alongamentos.

Em todas as aulas foi tida a preocupação de integrar os conhecimentos e a aptidão física, tendo tido em consideração também o tempo de empenhamento motor dos alunos.

De acordo com o PNEF, “na estrutura da aula o professor deve assegurar que a intensidade do esforço desenvolvido pelos alunos seja relevante, possibilitando a melhoria da aptidão física dos alunos, considerando também exercitação específica e os cuidados metodológicos específicos do treino das diversas capacidades motoras.”

Considerando os objectivos fundamentais da aprendizagem visada, alguns planos de aula foram sofrendo alterações esporádicas, em função das necessidades identificadas, i.e., em contexto prático de aula.

Após cada aula (fase pós-interactiva) foram elaborados relatórios críticos, onde foi feita a avaliação dos resultados da minha acção sendo mobilizados para o próximo plano de aula (fase pré-interactiva).

3.2 Realização

Nesta fase destacam-se as dimensões de intervenção pedagógica, referenciadas pelo autor Siedentop (1991), sendo estas: dimensão instrução, dimensão gestão, dimensão clima e dimensão disciplina.

3.2.1 Dimensão Instrução

A dimensão instrução compreende os comportamentos e técnicas de intervenção pedagógica que o professor utiliza para comunicar com os alunos, quer sejam verbais ou não verbais. Estes comportamentos podem aparecer através de prelecções, questionamento, feedback ou demonstração.

Nas diferentes aulas de EF foi tido em consideração o tempo passado em explicações na aula, tentando realizar prelecções precisas, focadas e significativas, permitindo assim um maior tempo de empenhamento motor aos alunos.

No início de cada aula foi explicitado os respectivos objectivos e enquadramento com a aula anterior e no fim a revisão dos conteúdos e planeamento da aula seguinte.

Como forma de apoiar os alunos activamente foram constantemente utilizados os feedbacks prescritivos, auditivo-visuais e positivos, indicando-lhes os meios que podiam ou deviam utilizar para melhorar a sua prestação. Após instrução de algum feedback, sempre que possível, tentei acompanhar a prática verificando se este foi compreendido ou não pelo aluno, sendo que no fim procurei retroalimentá-lo.

Tentei que os feedbacks fossem pertinentes e objectivos para que os alunos mais facilmente os percepcionassem, estes foram dados de forma frequente e individualizados sempre que possível.

Segundo o referido na aula de DEFDE “o FB ultrapassa a simples informação do correcto ou incorrecto, visa indicar os meios que o aluno pode ou deve utilizar para melhorar a sua prestação”

Foi dada primazia aos feedbacks positivos (tanto auditivos como visuais), pois segundo Mesquita (2003) “apenas com uma actividade positiva, confiante, participativa, e partilhada (...) é possível fomentar nestes o interesse e o gosto pela prática desportiva”. Tentando assim criar um melhor clima de ensino/aprendizagem.

Durante o ano lectivo tive sempre alunos que não podiam realizar aula de EF, pelo que, em todas as aulas esses alunos foram utilizados como agentes de ensino, fornecendo informações e feedbacks aos colegas, ajudando na preparação da aula, arrumação do material, entre outros. Foi também dada a oportunidade a uma aluna, campeã de kempo, de leccionar uma aula na sua modalidade aos colegas.

Para a explicação dos gestos técnicos foi utilizada a demonstração pelo professor, pelos alunos ou por meios áudio-visuais, fazendo referência às respectivas componentes críticas.

3.2.2 Dimensão Gestão

A dimensão gestão compreende os comportamentos e técnicas de intervenção pedagógica que o professor utiliza para organizar o tempo de aula eficazmente, produzindo um maior envolvimento de prática pelos alunos.

Inicialmente foram criadas rotinas de comportamento como: assiduidade, pontualidade, respeito pelos colegas, empenhamento, participação, responsabilidade e autonomia.

Tentei ao máximo reduzir os tempos mortos de aula, realizando transições rápidas e organizadas entre os exercícios, i.e., manter a mesma estrutura e grupos do início ao fim da aula.

A colocação do professor na aula também foi um factor a ter em consideração. O professor tinha de visualizar todos os alunos no decorrer da aula; no início das aulas houve a preocupação de levar os alunos para um local sossegado e fazer com que estes não estivessem virados para algo que lhes despertasse atenção; na explicitação das tarefas na rua, era o professor que estava virado para o sol e não os alunos. Os alunos que notam que o professor os supervisiona durante toda a aula, têm mais tendência para se empenhar na tarefa.

Os alunos ficaram responsabilizados pelo material durante todas as aulas, levar o material para a aula, ajudar a montar as situações de aula, bem como arrumar o material no final.

Um factor muito importante para que seja mantido o ritmo e entusiasmo pela aula é despoletar nos alunos interesse e motivação pela prática.

Segundo Piéron (1999), “toda a perda de tempo na gestão por parte do professor pode ser irrecuperável”.

3.2.3 Dimensão Clima

De acordo com Siedentop (1991) esta dimensão engloba aspectos relacionados com “as interacções pessoais, as relações humanas e o ambiente.” Deste modo, depende de uma dimensão afectiva e temperamental da minha prática docente.

Foi proporcionado um clima favorável à aprendizagem, transmitindo alegria, entusiasmo, confiança, motivação e cooperação entre alunos. Foram também demonstrados e exigidos comportamentos aos alunos baseados em valores e padrões éticos explícitos.

3.2.4 Dimensão Disciplina

Esta dimensão está compreendida entre os comportamentos apropriados e os comportamentos inapropriados. Os comportamentos apropriados dizem respeito aos comportamentos desejados, sendo que os inapropriados correspondem aos indesejados. Dentro dos indesejados temos os comportamentos fora da tarefa e os de desvio (mais graves).

Deste modo, foram promovidos comportamentos adequados, controlando a turma e motivando os alunos. Os comportamentos fora da tarefa foram ignorados sempre que possível e nos comportamentos de desvio tentei intervir logo após o acontecimento, responsabilizando o aluno.

Foi também utilizada a técnica de aproximação dos alunos mais destabilizadores por forma a controlá-los melhor e evitar comportamentos de desvio.

Segundo Oliveira (2006), “uma boa disciplina estabelece uma base mais favorável para o clima de trabalho na aula e facilita a gestão e instrução do Professor”. Verificando aqui a interligação de todas estas dimensões, quanto maior o controlo destas quatro dimensões, maior o tempo de empenhamento motor e melhor é a qualidade do ensino-aprendizagem.

3.3 Avaliação

O planeamento e a avaliação são processos interligados, já que não podem realmente concretizados com êxito separadamente.

Segundo o Decreto Lei 50/2011, “a avaliação consiste no processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelos alunos”, esta “tem por objeto a aferição de conhecimentos, competências e capacidades dos alunos e a verificação do grau de cumprimento dos objetivos globalmente fixados para o nível secundário de educação, bem como para os cursos, disciplinas e áreas não disciplinares nele integrados”.

3.3.1 Avaliação Diagnóstica

De acordo com o Despacho Normativo 6/2010 “a avaliação diagnóstica conduz à adoção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para

elaborar, adequar e reformular o projeto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa.”

Na AD tive como objectivo recolher as máximas informações sobre os conhecimentos e aptidões dos alunos, percebendo o nível em que se encontravam em cada matéria e as suas principais dificuldades, para posteriormente definir/planear o trabalho a desenvolver com os alunos durante o ano lectivo.

Segundo Fernandes (2009) a AD, “deve ser um meio importante que os professores podem fazer uso, a fim de planear melhor as estratégias pedagógicas para lidar com uma população de alunos crescente e diversificada” [tradução minha].

Nesta escola, o grupo disciplinar de EF definiu que as três primeiras semanas de aulas (de 18 de Setembro a 4 de Outubro) serviriam para a realização das AD das disciplinas a leccionar durante o Ano Lectivo. No entanto, a AD de Natação só foi realizada no início do 2º Período pois foi quando tivemos a piscina à disposição.

Para programar a forma como íamos realizar a AD, inicialmente, reunimos com o orientador da escola onde definimos as principais competências a avaliar e como as avaliar, sendo elaborada uma grelha de observação da AD para as diferentes matérias. Cada competência foi diferenciada por nível (introdutório, elementar e avançado) sendo no fim efectuada uma média para situar o nível do aluno. Foram realizadas situações de exercício critério e situações de jogo, consoante a matéria leccionada.

Terminada a AD e recolhidos estes valores, passou-se à construção das UD (já mencionadas anteriormente).

3.3.2 Avaliação Formativa

Segundo Cardinet (1986, cit *in* Dias e Rosado, 2003) a avaliação formativa é “uma avaliação que visa orientar o aluno quanto ao trabalho escolar, procurando localizar as suas dificuldades para o ajudar a descobrir os processos que lhe permitirão progredir na sua aprendizagem”.

A avaliação formativa teve um carácter contínuo e sistemático, sendo que foi efectuada no decorrer de todas as aulas. Esta, teve duas fases distintas, uma no decorrer das aulas, quando foram dadas instruções/feedbacks e outra de carácter mais formal planeada num determinado período de tempo. Esta fase, segundo Carvalho (1994) “ratifica a avaliação contínua e permite ao professor e ao aluno tomar decisões relativamente à orientação/regulação do seu trabalho”.

As avaliações formativas planeadas, na maior parte dos casos, realizaram-se no meio de cada UD. Em determinadas matérias recorri a sistemas de vídeo, em que os alunos foram filmados vendo posteriormente a sua prestação e recebendo um feedback do professor, referindo os principais erros e aspectos a melhorar. Noutras matérias foram avaliados numa escala de 0 a 10 os respectivos gestos técnico-tácticos, sendo comunicado aos alunos os seus resultados.

Foi também efectuada, no meio de cada período, uma avaliação formativa qualitativa (suf., bom, muito bom) das actividades físicas (todas as matérias que estava a leccionar no momento), do comportamento e do empenhamento dos alunos, para posteriormente entregar ao director de turma com o fim de situar o processo de ensino/aprendizagem de cada aluno.

Podemos verificar que a AD e formativa estão intimamente ligadas, pois ambas, segundo Carvalho (1994), “ao longo do ano, permitem-nos estabelecer concretamente essas prioridades/objetivos e ajustar sistematicamente a actividade dos alunos no sentido do seu desenvolvimento.”

Bento (1998), refere que o processo de ensino/aprendizagem deve constantemente ser analisado, no decorrer da aula, na parte final da aula e após aula, reflectindo e questionando se as aprendizagens estão a seguir o caminho pretendido. Esta foi uma das fases que me falhou, sendo que no final de cada aula deveria ter feito uma avaliação de cada aluno, anotando aspectos significativos da aula, i. e. comportamento do aluno na aula, competências que domina ou não, ponto onde o aluno se encontra, evolução, para posteriormente redefinir o processo de ensino se necessário.

3.3.3 Avaliação Sumativa

Segundo Ribeiro (1999) “a avaliação sumativa pretende ajuizar o progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino.”

Esta avaliação complementa as restantes e só pode ser efectuada no final de um período de tempo de ensino/aprendizagem, neste caso foi efectuada no final de cada período.

Nesta escola, o grupo disciplinar de EF tem definido que 75% é para as competências de compreensão e de realização, sendo o somatório das avaliações finais de cada matéria a dividir pelo número de matérias leccionadas, 5% para a aptidão física e 20% para as atitudes e valores.

Para as competências de compreensão e realização foram construídas grelhas de avaliação sumativa para cada matéria. Para cada uma foram seleccionadas competências de acordo com os conteúdos abordados e objectivos finais, sendo avaliadas de 0 a 10 valores, excepto para a matéria de ginástica onde foi construída uma tabela própria de pontuação. As aulas de AS foram realizadas no final de cada UD, sendo que foi mantida a estrutura normal das restantes aulas.

Para a aptidão física em todos os períodos foi aplicada uma bateria de testes que compreendeu três provas: uma de resistência aeróbia – prova da milha (1609m), outra de força explosiva do trem inferior – impulsão horizontal e por fim uma de força de resistência abdominal – “sit ups” (1min.).

As atitudes e valores, foram avaliadas no decorrer de todas as aulas, onde foi registado numa grelha a assiduidade, pontualidade, arrumação do material e disciplina.

Visto que em todos os períodos tive alunos que não podiam realizar prática de EF, foi também tido em consideração um plano de adaptação curricular para alunos com atestado médico, para os quais 70% pertence à área dos conhecimentos/competências (trabalho escrito ou teste) e 30% para as atitudes e valores. Para estes alunos o grupo de estágio propôs uma estrutura de um trabalho escrito.

Posto isto, no final de cada período, estas informações foram todas registadas numa ficha síntese de informação, contendo a nota final de cada aluno.

3.4 Estratégias Adoptadas

3.4.1 Estilos de Ensino

Os estilos de ensino permitem-nos dominar um conjunto importante de variantes na organização do ensino. Consoante o estilo de ensino aplicado na aula, diferentes são as decisões e aprendizagens de cada aluno.

Nas aulas de EF o estilo de ensino mais aplicado foi o da Tarefa, sendo que fui eu que tomei as decisões na fase de pré-impacto e os alunos executaram a tarefa com algum grau de liberdade. No decorrer da tarefa fui fornecendo feedbacks aos alunos, com o objectivo de melhoramento da prática desportiva. A aplicação deste estilo de ensino permitiu que os alunos tivessem alguma autonomia na realização das tarefas, tornando-os mais adultos e responsáveis.

Foi também utilizado o estilo de ensino por comando em exercícios como mobilização articular e alongamentos, onde todas as decisões foram minhas e os alunos limitaram-se a realizar. A utilização deste estilo permitiu iniciar e terminar a aula com os alunos mais controlados.

Nas aulas de Ginástica de Solo foi preconizado o estilo de ensino recíproco, onde os alunos trabalharam sempre em pares, ajudando-se uns aos outros, dando feedbacks ao colega. Eu circulei pela turma fornecendo também feedbacks aos alunos. Na Natação também foi utilizado este estilo, pois uma aluna tinha pavor a água, sendo que nas primeiras aulas andou sempre acompanhada por outro aluno, tendo assim uma prática acompanhada e perdendo o medo pela água. Este estilo permitiu que cada aluno obtivesse mais feedbacks, desenvolveu também a cooperação e entre-ajuda entre os alunos.

Na Ginástica de Solo, embora não planeado, foi também utilizado o estilo de ensino inclusivo, pois foram realizados vários níveis de dificuldade para os diferentes alunos. Quando um aluno não conseguia realizar um dos elementos gímnicos, foi-lhe proposto uma progressão de exercícios, com vários

níveis. O aluno só passou para o exercício de nível mais acrescido quando se sentiu à vontade. A utilização deste estilo permitiu ter em conta as diferenças individuais de cada aluno e o aluno produzir uma auto-avaliação da sua aprendizagem.

O estilo de ensino de auto-avaliação foi aplicado nas últimas aulas de cada período, com o intuito de os alunos, em função dos critérios de avaliação expostos, reflectirem sobre todo o trabalho desenvolvido ao longo do período. Este estilo poderia ter sido aplicado também nas aulas práticas, para os alunos se aperceberem dos seus erros em tempo real.

Podemos verificar que os estilos de ensino aplicados nas aulas foram todos de reprodução do conhecido, poderiam ter sido também mobilizados os estilos de descoberta e produção do desconhecido. Julgo que a principal razão pela não aplicação deste leque de estilos foi estar a leccionar pela primeira vez e o desconhecimento de como aplicar cada um nas diferentes matérias.

3.4.2 Segurança

Segundo Oliveira (2006) a segurança é primeiramente considerada no planeamento, sendo que é na situação de aula que ganha maior ênfase.

No planeamento foi tido em conta a disposição do material na aula, assim como as actividades a realizar, se eram de risco ou não. Para melhor controlar a segurança na aula foram definidas inicialmente regras, como: o uso de roupa adequada, sem acessórios que possam magoar alguém (pulseiras, anéis, fios, relógios); no final de cada exercício os alunos ajudarem na arrumação do material utilizado; e nas aulas de natação os alunos só entrarem para a piscina quando o professor chegar e para a água à ordem do mesmo.

No decorrer das aulas foram tidos cuidados como desviar material perigoso que pudesse intervir na prática dos exercícios (ex: cadeiras, postes das redes) e guardar as bolas no saco quando já não estavam a ser utilizadas.

Nas aulas de Natação, visto a piscina ser de 50 metros, os alunos não terem pé e o professor não conseguir controlá-los tão activamente, foram utilizados os outros professores estagiários como agentes de segurança, sendo colocados em sítios estratégicos por forma a que visualisassem todos os alunos.

Na Ginástica de Solo o facto de trabalhar em pares, também permitiu que os alunos realizassem as ajudas uns aos outros.

Em todas as aulas houve um controlo permanente do comportamento dos alunos para prevenir riscos de segurança.

No decorrer das aulas, apenas uma vez senti que não foram bem aplicadas as regras de segurança, no entanto não pôs em causa a integridade física dos alunos. Numa aula de atletismo, realizei um exercício de velocidade com estafetas, onde a partida foi colocada no início da pista de atletismo, que por trás tinha uma rede, ou seja, quando os alunos voltavam, em velocidade, iam contra as redes. Ao aperceber-me deste erro fez com que as próximas vezes que realizei aquele exercício já colocasse a partida mais à frente.

3.4.3 Formação de Grupos

De acordo com o PNEF “a formação de grupos é um elemento chave na estratégia de diferenciação do ensino”.

Nas aulas, as principais estratégias utilizadas para a formação de grupos foi a divisão dos alunos por níveis e por relações afectivas.

Nas matérias de Andebol, Voleibol e Atletismo, aos exercícios mais analíticos, realizados normalmente em pares, foi dada a opção de escolha dos grupos aos alunos. Em situações de jogo, jogo reduzido ou exercícios de superioridade (exercícios com mais elementos), os alunos foram misturados por níveis.

No Badminton e no Ténis foi feita uma divisão por níveis, onde os alunos realizavam os exercícios com alunos do mesmo nível, pois só assim era possível a concretização dos exercícios.

Na Natação os alunos foram divididos por grupos de nível em todas as aulas, onde cada grupo estava disposto numa pista. Esta opção foi fundamental para que houvesse maior fluidez no decorrer dos exercícios. Sendo também possível, com esta divisão, realizar uma diferenciação de exercícios consoante o nível e as aptidões dos alunos.

Na Ginástica de Solo, visto que foi preconizado o trabalho de pares, foi dada autonomia aos alunos e optar com quem queriam realizar os exercícios.

As diferentes divisões de grupos permitiram o aperfeiçoamento das aulas e beneficiaram o ensino/aprendizagem dos alunos, criando um ótimo clima de aprendizagem.

4 Reflexão

4.1 Ensino e Aprendizagem

Com o findar deste estágio pedagógico torna-se fundamental a reflexão sobre as aprendizagens realizadas, sobre os compromissos perante os alunos, assim como as inovações das práticas pedagógicas.

Para todas as aprendizagens realizadas no decorrer do estágio pedagógico é de realçar a extrema importância da ajuda/auxílio do Professor orientador Paulo Francisco, que esteve presente constantemente em todos os momentos de aprendizagem.

4.1.1 Aprendizagens realizadas enquanto estagiária

No que toca ao planeamento (plano anual, UD e planos de aula), apesar de já estar familiarizada com este tipo de documentos, em teoria, a sua aplicação prática ajudou a complementar a minha formação. Confirmei a importância de ter em conta o contexto em questão, assim como a flexibilidade destes documentos. Em função do contexto com que nos deparámos e das alterações que ocorreram, o planeamento teve de ser alterado e ajustado da melhor forma, tanto por questões de recursos espaciais/temporais como a progressão dos alunos.

Com o decorrer do estágio pedagógico, mais facilmente me consegui adaptar a estas mudanças. Os planos de aula, visto serem uma constante no decorrer do estágio, foi dos documentos em que mais evolui com o decorrer do tempo. A reflexão das UD permitiu-me analisar o trabalho desenvolvido ao longo da unidade bem como aperceber-me de aspectos a melhorar.

Com o decorrer da experiência fui desenvolvendo e melhorando as minhas técnicas de intervenção pedagógica para as diferentes dimensões. Na instrução fui aumentando a quantidade e a qualidade dos feedbacks. Uma das estratégias utilizada para esta consecução foi, inserir no plano de aula

palavras-chave para cada exercício, que serviriam de feedback, sendo assim mais fácil a sua aplicabilidade. Com o decorrer do tempo também fui mais precisa nas minhas instruções o que permitiu uma melhoria na gestão da aula.

A elaboração dos relatórios críticos de cada aula, ajudaram-me a melhorar todos estes aspectos, pois houve uma reflexão do trabalho desenvolvido na aula, sendo que foi melhorado na próxima fase.

Com a aplicação dos diferentes tipos de avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa) a minha capacidade de observação dos alunos aumentou significativamente.

Constatei também que o uso de sistemas de vídeo para a avaliação formativa é muito benéfico no ensino-aprendizagem dos alunos, ajudando-os a melhor identificar os erros e como melhorar, sendo que também os motiva para a prática.

A elaboração de fichas sínteses de informação no meio do período é fundamental, na medida em que o director de turma situa o processo de ensino/aprendizagem de cada aluno, para se necessário comunicar ao respectivo encarregado de educação.

No decorrer do estágio pedagógico foram também exercidas funções de cargos directivos, no meu caso, o acompanhamento do director de turma. Com este acompanhamento consegui ter melhor presente as funções subjacentes ao cargo, assim como problemas a ele inerentes e respectivas resoluções, estando assim muito mais preparada para futuramente exercer o cargo.

Foram também organizadas/desenvolvidas várias actividades no âmbito da cadeira projectos e parcerias, nomeadamente um Torneio de Futebol, um torneio de Voleibol e uma actividade interdisciplinar “I Grande Prémio José Falcão”. A organização destas actividades permitiu-me aumentar a minha capacidade de organização e gestão de actividades assim como dinamização de grandes grupos.

Particpei também na leccionação de aulas de apoio, ajudando um aluno que estava externo à disciplina de EF e que iria realizar exame final. Esta função para além de aumentar a minha experiência e enriquecer a qualidade do meu ensino, permitiu-me ter contacto com outras matérias que não pude leccionar nas minhas aulas.

4.1.2 Compromisso com as aprendizagens dos alunos

Desde o início do estágio pedagógico que me comprometi com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, sendo que com o decorrer do tempo melhor fui respondendo às exigências dos alunos.

Foi em função das características dos alunos que se desenvolveu todo o processo de ensino, desde objectivos, extensão e sequência de conteúdos, estratégias de abordagem para cada matéria, realização e avaliação.

Foi tida em consideração a diferenciação pedagógica para alunos com níveis distintos, correspondendo ao princípio metodológico que refere no PNEF, que a actividade formativa proporcionada aos alunos, deve ser tão colectiva quanto possível, e tão individualizada quanto necessário.

Os alunos foram constantemente informados das competências que deveriam atingir no final de cada UD.

No decorrer do estágio pedagógico foi notória a constante preocupação no desenvolvimento das capacidades dos alunos, sendo que com o decorrer do tempo foram realizadas adequações aos métodos de ensino empregados.

4.1.3 Inovação nas práticas pedagógicas

A principal prática inovadora utilizada foi a filmagem de aulas. Esta prática foi essencialmente utilizada para realizar as avaliações formativas, com o intuito de o aluno, ao ver a sua prestação e receber o feedback do professor, melhor se aperceba dos erros cometidos e como os melhorar.

Importa referir que para poder realizar as filmagens nas aulas, foi elaborada uma “folha de autorização de filmagens na disciplina de Educação Física” que foi entregue a todos os alunos para os respectivos Encarregados de Educação autorizarem ou não as filmagens, sendo que todos autorizaram.

A utilização desta prática foi positiva, podendo afirmar que melhorou o processo de ensino-aprendizagem, não só porque os alunos se aperceberam dos seus principais erros, mas também gerou um aumento da motivação dos alunos para a prática.

Foi também considerada como prática inovadora o facto de as aulas de ginástica de solo serem todas leccionadas com música, aumentando o empenhamento e motivação dos alunos.

4.2 Dificuldades sentidas e aspectos a melhorar

Como é de esperar, foram bastantes as dificuldades com que me deparei durante o estágio pedagógico, para as quais tive de ir arranjanado soluções por forma a melhor me adaptar.

Na parte do planeamento a principal dificuldade sentida foi o desconhecimento dos parâmetros técnico-tácticos de algumas matérias, o que levou a dificuldades na construção da extensão e sequência dos conteúdos para as diferentes matérias. Para colmatar esta fragilidade, realizei as UD, pesquisando várias fontes e tive conversas com o núcleo de estágio (professor orientador e estagiários).

Nas UD deveria ter havido uma maior exploração das estratégias de ensino programadas para a especificidade das dificuldades dos alunos.

Na parte da realização posso dizer que as características da turma facilitaram a condução das aulas. No entanto, a dimensão instrução foi aquela em que senti maiores dificuldades. Inicialmente realizava instruções pouco precisas e a projecção da voz não era a adequada. No que toca aos feedbacks houve dificuldades na percepção do erro e na correcta forma de o corrigir, sendo que foram fornecidos mais feedbacks individuais do que colectivos.

Relativamente à gestão de aula as principais fraquezas denotaram-se no início do ano lectivo, pois perdia algum tempo na organização dos exercícios. Com o tempo fui criando rotinas, reduzindo os tempos mortos de aula, melhorando as transições entre os exercícios.

No que toca ao clima e disciplina não houve problemas sendo que desenvolvi uma boa empatia com os alunos e um clima permanente de boa disposição.

Para a AD, como inicialmente ainda éramos um pouco inexperientes e não conhecíamos o nome de todos os nossos alunos, o professor orientador Paulo Francisco, propôs organizarmo-nos de forma a que os outros estagiários colaborassem no seu registo de dados. Fazendo assim uma rentabilização de recursos, tanto humanos como temporais. Posto isto, foram organizadas estratégias, como divisão de grupos, para melhor dividir/recolher os dados.

Esta divisão por um lado permitiu uma rentabilização de tempo, conseguindo realizar todas as avaliações no tempo destinado, mas por outro fez com que os resultados diferenciasssem de estagiário para estagiário, pois

cada um tinha a sua visão, sendo que também não foram registados mais pormenores técnicos de cada aluno (observações).

A avaliação formativa não foi aplicada da mesma forma para as diferentes matérias, sendo que dei mais destaque à de ginástica (onde foram mostradas as filmagens aos alunos).

Concluindo, todas estas dificuldades com que me deparei resultaram em momentos de reflexão e aprendizagem, sendo que no futuro serão tidas em melhor conta.

5 Aprofundamento do Tema-Problema

“Análise da evolução do comportamento do professor estagiário de Educação Física no decorrer do Estágio Pedagógico”

Tendo como inquestionável a importância da avaliação da intervenção do professor de Educação Física, estamos pois apenas perante a questão de escolher qual ou quais os melhores processos de levar a cabo essa tarefa de recolha e tratamento das informações obtidas, de uma forma minimamente objectiva e imparcial. Não se trata apenas de analisar o trabalho realizado por outros colegas, mas também de a partir dessa observação conseguir uma própria melhoria e optimização dos métodos e processos de ensino que no futuro se pretendem levar a cabo.

Será pois o Estágio Pedagógico uma etapa da formação profissional que nos irá permitir melhor relacionar a partir da actividade real e quotidiana a capacidade de intervenção e melhoramento dos processos de ensino e de uma auto-avaliação indispensável.

De modo a obter dados para uma avaliação dessa qualidade de intervenção, optou-se por uma observação do comportamento de um estagiário em dois momentos, recorrendo ao seu registo através de filmagens: num primeiro momento 3 efectuadas no 1º período escolar e num segundo momento, outras 3 no 2º período. O objectivo deste estudo foi o de analisar o comportamento do professor estagiário nas aulas de Educação Física, assim como efectuar uma comparação entre esses momentos e analisar a existência ou não de uma evolução da comunicação do professor estagiário com os alunos.

Para analisar as filmagens obtidas foi aplicado o Coach Behavior Assessment System (CBAS), normalmente utilizado no treino desportivo, mas neste caso aplicado ao ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física.

Os estudos efectuados utilizando o CBAS estão todos ligados ao treino desportivo, no entanto, tentarei realizar uma aplicação à realidade do ensino-aprendizagem da Educação Física.

5.1 Fundamentação Teórica

5.1.1 Comunicação e Intervenção

De acordo com Pestana (2006) a comunicação “facilita relações, promove interações e clarifica procedimentos”, esta pode ser de carácter verbal ou não verbal, sendo que “a capacidade de saber comunicar por parte de um treinador poderá influenciar, positiva ou negativamente, a prestação do desportista”. Sendo da mesma opinião autores como De Marco et *all*, Millard, More e Franks (1996, cit *in* Mesquita, 2003) que referem que “o modo como o treinador orienta o processo de aprendizagem, (...), interfere nas performances alcançadas”.

A comunicação das informações, por parte de um professor, traduz-se em instruções, as quais dizem respeito a intervenções do professor sobre a matéria de ensino, realização de exercícios, demonstração ou questionamento. Lino (2004, cit *in* Oliveira, 2006) refere que estas intervenções deverão “servir para motivar os alunos e para lhes justificar a razão e o interesse das actividades propostas no contexto da relação pedagógica”.

Segundo Oliveira (2006), “ a relação entre ensino e aprendizagem, somente é possível graças à interacção pedagógica existente entre professores e alunos”, “onde o comportamento de um dos indivíduos tem influência sobre o outro” (Pestana 2006).

5.1.2 Elogio

Mesquita (2003) refere que “ao conceito de elogio está inequivocamente associada a ideia de enaltecer a entrega, o empenho, em suma, o esforço demonstrado por alguém no cumprimento de determinada tarefa”, acreditando “que apenas com uma actividade positiva, confiante participativa, e partilhada, (...) é possível fomentar nestes o interesse e o gosto pela prática desportiva.”

Para Mesquita (2003) deve-se elogiar para: fomentar o gosto pela prática, fomentar climas positivos de aprendizagem, ajudar os jovens a desenvolver sentido de justiça, promover a autonomia e a responsabilização, respeitar as diferenças individuais, ajudar os jovens a redefinir o conceito de erro, e apoiar a informação substantiva acerca do conteúdo de treino.

Cunha (1998, cit in Santos, 2008) refere que “o elogio pode levar à colocação de maior empenho na execução das tarefas, engendra um melhor ambiente de trabalho e gera sentimentos agradáveis de quem os recebe para quem os emite”.

No entanto, Santos (2008) refere que os estudos têm demonstrado “que o elogio/reforço, punição, ou instrução correctiva não é necessariamente crucial para uma boa performance de um indivíduo e para o crescimento psicossocial”, no entanto a qualidade destes poderá ter um maior efeito nas respostas físicas e psicossociais do executante.

5.1.3 Feedback

De acordo com Pestana (2006) “o feedback tem como finalidade ajudar o outro a fazer algo de forma diferente no futuro, ou seja, melhorar habilidades e comportamentos, proporcionando assim, melhorias nas relações interpessoais”.

Os feedbacks podem ser verbais ou não verbais.

Santos (2008) refere que o feedback positivo, o elogio verbal, o reconhecimento social, a possibilidade de vir a ter mais tempo de participação na actividade, ou seja, reforços positivos, podem fazer com que o empenho do sujeito aumente.

Como feedbacks negativos Santos (2008), refere: insultos verbais, tratamento demasiado duro, gritos, críticas, sarcasmos, ridicularização do atleta e punição pelos erros cometidos.

Sarmiento (2005, cit *in* Santos, 2008), refere que se devem assegurar mais feedbacks positivos do que negativos, o que não implica que os erros sejam corrigidos.

Santos (2008), refere que “a importância do feedback sobre a performance pode beneficiar os participantes em várias formas, e duas das principais funções são motivar e instruir”.

5.1.4 Programa de Formação para Eficácia dos Treinadores

Autores como Smith, e Smoll (1997, cit. in Cruz, 2001), desenvolveram o Programa de Formação para a Eficácia dos Treinadores (PFET), fornecendo este bases ao treinador para a orientação do seu comportamento.

Este programa refere que deve-se evidenciar a promoção de quatro comportamentos alvo específicos para o treinador: 1) reforço (tanto pelo esforço como pelo desempenho); 2) encorajamento após erro; 3) instruções correctivas (dadas de forma encorajadora); 4) instruções técnicas (instruções espontâneas das técnicas e estratégias da modalidade desportiva).

Refere também a importância da diminuição de quatro comportamentos indesejáveis considerados por parte dos treinadores: 1) Não reforço (não responder a bons desempenhos ou esforço); 2) Punição (verbal ou não verbal); 3) instrução técnica punitiva (instrução dada de forma desagradável ou sarcástica); 4) comportamentos que visão manter o controlo.

5.2 Metodologia

O objectivo deste estudo é o de analisar o comportamento de um professor estagiário de Educação Física, assim como efectuar uma comparação entre dois momentos do ano lectivo, verificando a existência ou não de uma evolução da comunicação por parte do estagiário.

Este estudo é pertinente, na medida em que o comportamento do professor perante a turma, tem consequências nas aprendizagens dos alunos, ou seja no sucesso ou não de um ensino com qualidade.

Foi utilizado o sistema de Avaliação da conduta dos treinadores, Coach Behavior Assessment System (CBAS), de Smith, Smoll e Hunt (1977), que permite observar o comportamento dos treinadores através de sistemas de vídeo próprios. Neste estudo, será efectuada uma aplicação do CBAS às aulas de Educação Física, realizando a observação do comportamento do professor.

O CBAS avalia 12 dimensões dos comportamentos, estando estas dentro de dois grandes grupos, os comportamentos reactivos e os comportamentos espontâneos.

Os comportamentos reactivos são as respostas a uma variedade de comportamentos dos jogadores, onde há comportamentos desejáveis, erros por parte do atleta, ou comportamentos indesejados. Nestes estão inseridos as

dimensões reforço, não reforço, ânimo ao erro, instrução técnica ao erro, punição, instrução técnica punitiva, ignorar erro e manter o controlo.

Os comportamentos reactivos referem-se a comportamentos relacionados com a actividade ou irrelevantes. Nestes encontram-se as dimensões instrução técnica geral, ânimo geral, organização geral e comunicação geral.

No quadro 1 mostra-se a adaptação do CBAS à aula de Educação Física:

Coach Behavior Assessment System (CBAS)		
Desejáveis	Reforço Positivo	Dirigido a um ou mais alunos.
	Não Reforço	Nenhuma resposta perante uma boa acção do aluno.
Erro	Ânimo ao Erro	Encorajar o aluno após efectuar o erro.
	Instrução Técnica ao Erro	Instruir o aluno após efectuar o erro, ajudando-o na melhoria do seu erro.
	Punição	Pode ser verbal ou não verbal.
	Instrução Técnica Punitiva	Junção da instrução técnica mais punição.
	Ignorar Erro	Quando o aluno executa um erro e o professor não diz nada, ignora.
Indesejáveis	Manter o Controlo	Manter a ordem e organização da aula.
Relacionados	Instrução Técnica Geral	Instrução de algum exercício, técnico-táctica, não é proveniente de um erro.
	Ânimo Geral	Refere-se ao futuro, intuito de encorajar os alunos a aplicarem-se mais.
	Organização Geral	Organização para a execução dos exercícios de aula.
Irrelevantes	Comunicação Geral	Algo que não tem a ver com a aula, pode ser com os alunos, ou outros.

Quadro 1: adaptação do CBAS à aula de Educação Física.

5.2.1 Métodos

Participantes:

A amostra é constituída por 1 estagiário da disciplina de Educação Física, do sexo masculino, com 22 anos de idade.

Instrumentos:

Foi utilizado o Coach Behavior Assessment System (CBAS), de Smith, Smoll e Hunt (1977), para observar e analisar a comunicação do professor estagiário de Educação Física em dois momentos diferentes.

Procedimentos:

Foram gravadas 6 aulas de 50 minutos do professor estagiário de Educação Física em dois momentos, 3 no primeiro período e 3 no segundo. As

datas de realização do primeiro momento foram: 13/11/2012, 06/12/2012 e 01/02/2013. Para o segundo momento foram: 07/03/2013, 04/04/2013 e 11/04/2013. As aulas foram filmadas com uma câmara de filmar Zoom HQ3HD, e as intervenções do professor foram registadas através de um microfone remoto Sennheiser EK-100 e um receptor.

Contámos como observadores eu mais dois professores estagiários de Educação Física da mesma escola. Antes de proceder à análise de resultados foi realizada uma sessão de esclarecimento com o Doutor Carlos Gonçalves e com o Doutorando Artur Santos onde foram estabelecidos e uniformizados critérios de observação, assim como a definição do número de aulas filmadas para cada momento.

Cada aula foi analisada/observada por dois observadores diferentes. Cada observador ficou responsável por registar os seus dados numa tabela própria. Posteriormente juntaram-se as diferentes observações do professor estagiário e procedeu-se ao tratamento de dados.

Para proceder à filmagem, foi elaborado um ficheiro de autorização de filmagens na aula de Educação Física, que foi entregue a todos os alunos para os respectivos encarregados de educação autorizarem.

5.3 Resultados e discussão

Após a junção das diferentes observações, foram elaborados duas tabelas, com as informações recolhidas das aulas, um para o primeiro momento e outro para o segundo¹. Em cada quadro foi efectuado a média pertencente a cada dimensão, a qual foi convertida em percentagem. Por fim foi elaborado um gráfico que permitiu comparar as médias nos diferentes momentos, como podemos verificar de seguida (figura 1):

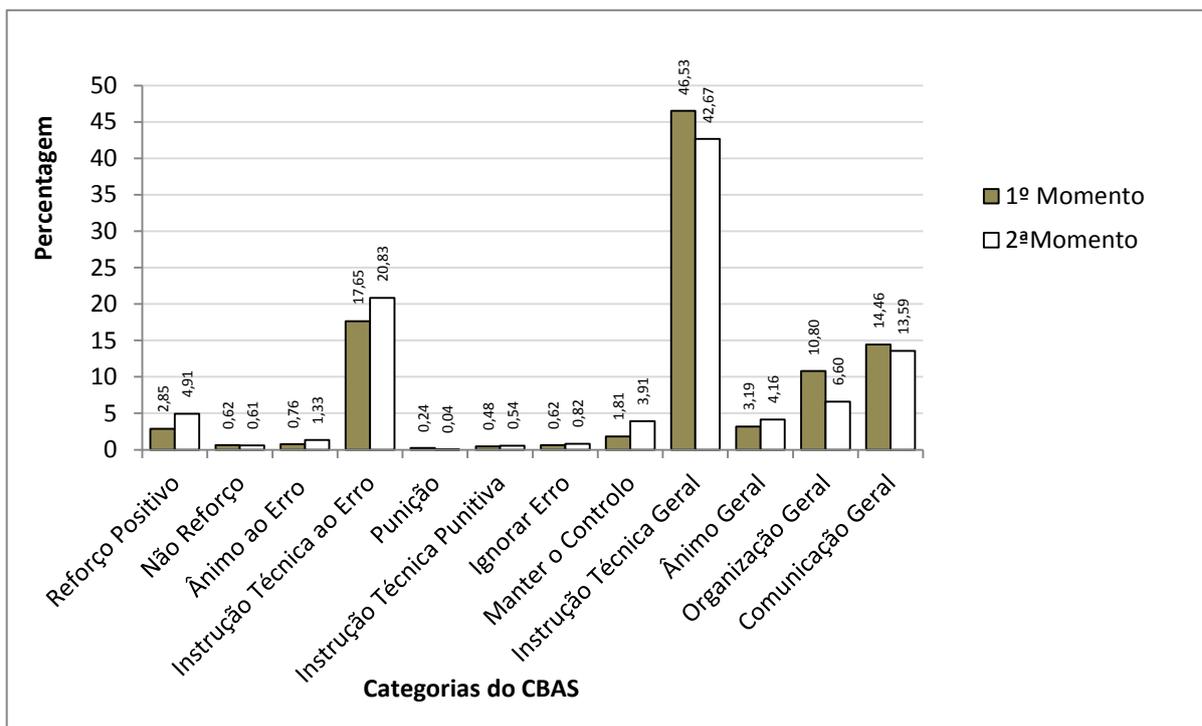


Figura. 1: Percentagem das categorias do CBAS para os dois momentos do Professor Estagiário de Educação Física

5.3.1 Comportamento Geral do Professor

Verificando o comportamento do professor, nos dois momentos, e tendo em conta o PFET, referenciado anteriormente, relativamente aos comportamentos que o professor deve minimizar, podemos apurar a pouca utilização destas categorias. Verificando, nomeadamente o “não reforço” com 0,62% e 0,61%, a “punição” com 0,24% e 0,04%, e a “instrução técnica punitiva” com 0,48% e 0,54%.

No que toca aos comportamentos que o professor deve maximizar, podemos verificar uma maior utilização nas categorias instrução técnica geral

¹ Cf. Anexo 1

com 46,53% e 42,67% e instrução técnica ao erro com 17,65% e 20,83%. No entanto, a utilização do reforço positivo e ânimo ao erro parecem ser pouco privilegiados, sendo 2,85% e 4,91%, e 0,76% e 1,33%, respectivamente.

Podemos verificar que as três categorias mais utilizadas por parte do Professor estagiário são a instrução técnica geral, a instrução técnica ao erro e a comunicação geral. Este comportamento, vai ao encontro do referido por Jones, Potrac e Rammalli (1999, cit. *in* Santos, 2008) que verificaram que a instrução é o comportamento dominante quer em aulas quer em treinos. Nos resultados obtidos por Santos (2008), os principais comportamentos são também a instrução técnica geral e a comunicação geral.

5.3.2 Comparação do Comportamento do Professor nos dois momentos

Podemos verificar uma diminuição significativa dos comportamentos espontâneos do professor estagiário do 1º para o 2º momento (1º 74,98%, 2º 67,2%) e um aumento no que toca aos comportamentos reactivos (1º 25,03%, 2º 32,99%).

Apesar dos comportamentos espontâneos do professor estagiário obterem um decréscimo de um momento para o outro, estes comportamentos, prevalecem sobre os comportamentos reactivos. Indo ao encontro dos resultados obtidos por Santos (2008) em que os treinadores demonstraram mais comportamentos espontâneos, dando assim orientações aos jogadores.

Podemos verificar uma diminuição de 4,2% na organização geral. Santos (2008) refere que “o aumento da experiência e discussão com outros treinadores, os novatos tendem a desenvolver rotinas efectivas para minimizar as funções de gestão e maximizar a instrução concentrada na prática”.

No entanto, nos comportamentos do professor estagiário na categoria da instrução técnica geral houve um decréscimo de 3,86%.

Podemos verificar um aumento da instrução técnica ao erro de 3,18%, e do reforço positivo 2,06%. Oliveira (2006) refere que existem diferenças entre principiantes e experientes, sendo que os experientes produzem mais feedback e reforço. Assim como Smith, Smoll & Cumming (2007, cit. *in* Santos, 2008) referem que os treinadores com mais formação e experiência dão mais feedbacks positivos. Rodrigues (1990) diferencia os estagiários dos

profissionalizados, onde refere que os estagiários fornecem mais feedback descritivo positivo.

Podemos verificar também um aumento do comportamento no que toca ao manter o controlo de 2,10%.

Nas restantes categorias, não foram apontadas diferenças significativas de um momento para o outro.

5.4 Conclusão

O presente estudo destinou-se a analisar o comportamento de um professor estagiário de Educação Física em dois momentos diferentes, um no 1º e outro no 2º período, sendo que foi possível verificar algumas diferenças significativas, como:

- ✓ Diminuição de 4,2% dos comportamentos de organização geral;
- ✓ Diminuição de 3,86% dos comportamentos de instrução técnica geral;
- ✓ Aumento de 3,18% dos comportamentos de instrução técnica ao erro;
- ✓ Aumento de 2,06% dos comportamentos de reforço positivo;
- ✓ Aumento de 2,10% dos comportamentos de manter o controlo.

Visto estes comportamentos estarem a evoluir no sentido do que referenciam os diferentes autores, entre experiência e inexperiência, podemos verificar uma melhoria na comunicação por parte do professor estagiário.

No decorrer do estágio pedagógico os professores tornam-se progressivamente mais competentes, ganhando mais experiência e consequentemente melhorando o processo de comunicação com os alunos.

Julgo que se tivéssemos realizado as filmagens com um maior intervalo de tempo, conseguiríamos obter diferenças mais significativas.

Importa referenciar que as filmagens efectuadas nos diferentes momentos e nas diferentes aulas, não foram todas sobre a mesma matéria ou momento didáctico, provocando assim diferentes comportamentos por parte do professor estagiário. Também é de relevar o facto do professor estagiário estar restringido na sua prática, ou seja, tem de seguir os valores e as crenças da escola e do professor de orientador.

Para aprimorar este estudo poderia aumentar-se o número da amostra, realizar uma melhor adaptação do CBAS ao ensino da Educação Física, aumentar o tempo intervalo entre as filmagens e aplicar questionários de avaliação psicológica tanto aos professores como aos alunos.

6 Conclusão

A elaboração deste relatório de estágio ajudou-me a reflectir sobre todas as práticas desenvolvidas ao longo do ano lectivo, sendo que com esta reflexão dificilmente cometerei erros efectuados, passando a realizar um sistema de ensino-aprendizagem cada vez melhor e com mais qualidade, em evolução.

A aprendizagem foi uma constante nesta etapa de formação, com o findar deste estágio pedagógico sinto-me mais preparada para ingressar no mundo do trabalho, todos os momentos por que passei fizeram com que crescesse, tanto a nível profissional como pessoal.

A realização deste estágio pedagógico possibilitou-me o desenvolvimento de um leque de experiências enriquecedoras, as quais foram concretizadas com o melhor empenhamento e dedicação.

É de salientar a extrema importância de todo o apoio e ajuda incondicional do Professor Orientador Paulo Francisco, sendo que este esteve presente em todos os momentos de aprendizagem, ajudando-me a ultrapassar mais facilmente as dificuldades e obstáculos com que me deparei.

7 Bibliografia

- ✓ Associação Europeia de Educação Física. (2003). *Código de Ética e Guia de Boa Prática para a Educação Física*. Edição Portuguesa.
- ✓ Bento, J.O. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte
- ✓ Bento, J. (1998). *Análise e avaliação do ensino*.
- ✓ Carvalho, L. (1994). *Avaliação das Aprendizagens em Educação Física*.
- ✓ Cruz, J. F., Dias, C., Gomes, R., Alves, A., Sá, S., Viveiros, I., Almeida, S., & Pinto, S. (2001). Um programa de formação para a eficácia dos treinadores da iniciação e formação desportiva. *Análise Psicológica*, 1(19), 171-182.
- ✓ Decreto-Lei nº 240/2001, DR nº201, Série I-A de 30 de Agosto de 2001 (Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário)
- ✓ Despacho Normativo 6/2010
- ✓ Dias, L. e Rosado, A. (2003). *A avaliação formativa em Educação Física*.
- ✓ Fernandes, D. (2009). Educational assessment in Portugal, *Assessment in Education: Principles, Policy&Practice*, 16:2, 227-247.
- ✓ Frontoura, C. C. (2005). *O estagiário em educação física no processo de estágio pedagógico: A percepção das dificuldades dos estagiários da FCDEF-UC na fase inicial e na fase final do estágio pedagógico*. Coimbra: C. Frontoura. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.
- ✓ Mesquita, I. (2003). Elogiar para formar e treinar melhor. A importância da intervenção do treinador. *Revista Horizonte*, Vol. XVIII, nº108, Julho/Agosto
- ✓ Mosston, M. e Ashworth, S. (1994). *Teaching Physical Education*. New York: MacMillan.
- ✓ Oliveira, M. (2006). Estudo da variabilidade dos comportamentos de instrução em dois contextos diferenciados. Monografia de Licenciatura. Universidade da Madeira

- ✓ Pestana, G. (2006). O sucesso comunicativo nas actividades desportivas. Estudo do feedback do treinador e do desportista no ensino das actividades desportivas. *Revista Horizonte*, Vol. XXI, nº124, Julho/Agosto
- ✓ Piéron, M. (1999). *Para una enseñanza eficaz de las actividades físico-desportivas*. Barcelona: INDE Publicaciones
- ✓ Programa Nacional de Educação Física - Secundário
- ✓ Ribeiro, L. (1999). *Tipos de avaliação*. Lisboa: Texto Editora.
- ✓ Rodrigues, J. J. (1990). Análise multidimensional do feedback pedagógico. Diferenças entre professores estagiários, professores profissionalizados e treinadores em situações semicontroladas de ensino do voleibol. *Motricidade Humana*, 6,1/2. 81-106
- ✓ Santos, A. J. B. (2008). O efeito da experiência do treinador no ambiente de formação desportiva. Estudo em equipas de futebol nos escalões iniciados e juvenis. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto e Educação Física. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra
- ✓ Santos, A., Gonçalves, C. (2013). O efeito da experiência do treinador de futebol em jovens atletas. *Boletim SPEF*, nº37, Jan./Jul.
- ✓ Siedentop, D. (1991). *Development teaching kills in Physical Education*, 3rd ed. Mountain View, Ca: Mayfield Publishing Company

8 Anexos

Tabela1: Tabela de registo das informações recolhidas para o Tema-Problema do 1ºMomento

		1º MOMENTO						Média	%
		Data: 13-11-2012		Data: 06-12-2012		Data: 01-02-2013			
		Observador A	Observador B	Observador A	Observador C	Observador B	Observador C		
Desejáveis	Reforço Positivo	10	1	3	1	18	27	10,00	2,85%
	Não Reforço	0	0	0	4	0	9	2,17	0,62%
Erro	Ânimo ao Erro	4	4	0	3	1	4	2,67	0,76%
	Instrução Técnica ao Erro	188	35	60	7	40	41	61,83	17,65%
	Punição	0	1	0	0	3	1	0,83	0,24%
	Instrução Técnica Punitiva	0	0	0	2	2	6	1,67	0,48%
	Ignorar Erro	0	0	0	4	0	9	2,17	0,62%
Indesejáveis	Manter o Controlo	0	0	0	14	10	14	6,33	1,81%
Relacionados	Instrução Técnica Geral	431	59	289	34	70	95	163,00	46,53%
	Ânimo Geral	18	17	1	9	10	12	11,17	3,19%
	Organização Geral	40	35	9	43	35	65	37,83	10,80%
Irrelevantes	Comunicação Geral	64	46	74	47	41	32	50,67	14,46%

Tabela 2: Tabela de registo das informações recolhidas para o Tema-Problema do 2ºMomento

		2º MOMENTO						Média	%
		Data: 07-03-2013		Data: 04-04-2013		Data: 11-04-2013			
		Observador A	Observador C	Observador A	Observador B	Observador B	Observador C		
Desejáveis	Reforço Positivo	36	34	21	10	18	18	22,83	4,91%
	Não Reforço	0	13	0	0	0	4	2,83	0,61%
Erro	Ânimo ao Erro	12	12	7	0	0	6	6,17	1,33%
	Instrução Técnica ao Erro	181	37	231	46	36	50	96,83	20,83%
	Punição	0	0	0	0	1	0	0,17	0,04%
	Instrução Técnica Punitiva	5	4	2	0	1	3	2,50	0,54%
	Ignorar Erro	0	14	0	0	0	9	3,83	0,82%
Indesejáveis	Manter o Controlo	10	20	7	19	23	30	18,17	3,91%
Relacionados	Instrução Técnica Geral	269	40	559	104	119	99	198,33	42,67%
	Ânimo Geral	20	16	39	16	18	7	19,33	4,16%
	Organização Geral	60	26	34	21	18	25	30,67	6,60%
Irrelevantes	Comunicação Geral	142	57	63	36	38	43	63,17	13,59%